



DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

LINHA DE PESQUISA:
O Ensino de Geografia no Ensino Fundamental e médio

PRÁTICA DOCENTE NA GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE DO ENSINO DE
GEOGRAFIA NAS ESCOLAS ESTADUAIS DA CIDADE DE SAPÉ - PB

JOSÉ ROMERO FERREIRA DOS SANTOS

GUARABIRA – PB

2012

JOSÉ ROMERO FERREIRA DOS SANTOS

**PRÁTICA DOCENTE NA GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE DO ENSINO DE
GEOGRAFIA NAS ESCOLAS ESTADUAIS DA CIDADE DE SAPÉ - PB**

Artigo científico apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III – Guarabira, em cumprimento dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Licenciatura plena em Geografia sob orientação da Professora Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

**GUARABIRA – PB
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S237p

Santos, José Romero Ferreira dos

Prática docente na geografia: uma análise do ensino de geografia nas Escolas Estaduais da Cidade de Sapé – PB / José Romero Ferreira dos Santos. – Guarabira: UEPB, 2012.

26f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira”.

1. Geografia - Ensino
3. Novas Tecnologias

2. Formação Docente
I. Título.


22.ed. CDD 372.891

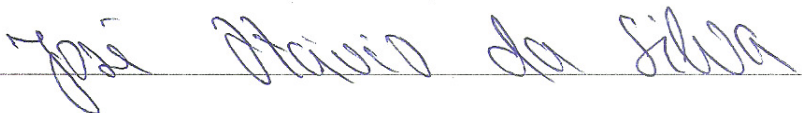
JOSÉ ROMERO FERREIRA DOS SANTOS

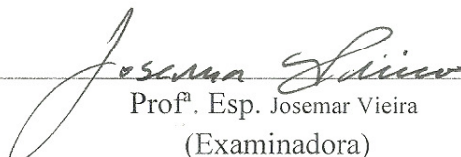
**PRÁTICA DOCENTE NA GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE DO ENSINO DE
GEOGRAFIA NAS ESCOLAS ESTADUAIS DA CIDADE DE SAPÉ - PB**

Aprovado em 28 de junho de 2012

BANCA EXAMINADORA


Prof^ª. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira
(Orientadora)


Prof^º Ms. José Otávio da Silva
(Examinador)


Prof^º. Esp. Josemar Vieira
(Examinadora)

**GUARABIRA – PB
2012**

Dedico este trabalho a minha esposa, Rita de Cássia, por ter me incentivado durante todo o curso de licenciatura plena em geografia na UEPB e acreditado na minha capacidade mesmo antes de eu conquistar esta oportunidade na UEPB.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu DEUS pela oportunidade que Ele me concedeu de estar na UEPB, pois sem Ele nada disso seria possível;

Aos meus pais, Maria da Guia e José Felinto, que, abaixo de Deus, deram-me a vida e tudo que tenho e sou;

Aos meus irmãos, Rosemere e Ronaldo, que são pessoas fundamentais na minha vida;

À minha esposa, Rita de Cássia, que me deu toda ajuda possível nos momentos que precisei;

A minha orientadora a Prof^a. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira que sempre me incentivou e nunca deixou que desistisse de concluir esse curso;

A Todos os professores que fizeram parte da minha formação;

A Universidade Estadual da Paraíba por ter feito parte de sua história, pois sou parte integrante da primeira turma do Curso de Licenciatura Plena em Geografia do Campus III, a 2007.2, que ficara guardada na memória e na história;

Aos meus colegas da turma 2007.2, aos que estão concluindo o curso e não posso deixar de lembrar que são 30 guerreiros que ficaram escritos nos anais desta Universidade.

O meu muito obrigado!

043 – GEOGRAFIA

SANTOS, José Romero Ferreira dos. **Prática docente na geografia: uma análise de ensino de geografia nas Escolas Estaduais da Cidade de Sapé – PB**. Artigo Científico (Curso de Licenciatura Plena em Geografia) UEPB, Guarabira, 2012, 26 p.

LINHA DE PESQUISA: O Ensino de Geografia no Ensino Fundamental e médio

Orientadora: Prof^ª. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira-UEPB
Banca Examinadora: Prof^º. Ms. José Otávio da Silva-UEPB
Prof^º. Esp. Josemar Vieira - UEPB

RESUMO

Este artigo é fruto de um trabalho de conclusão de curso (TCC). O presente estudo visa discutir a prática docente do professor de Geografia, sua formação inicial e continuada, e a inserção das novas tecnologias como uma nova ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Em um segundo momento, É feita uma análise sobre a qualidade do ensino de Geografia em três escolas estaduais da cidade de Sapé-PB, são elas: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Odilon Alves Pedrosa, Escola Estadual de Ensino Fundamental Gentil Lins e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Stella da Cunha Santos. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, objetivando identificar o perfil do educador de Geografia atual e suas práticas de ensino.

Palavras-chave: Formação de professor, ensino de geografia, inserção das novas tecnologias.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	O ENSINO DE GEOGRAFIA	09
2.1	A Geografia e suas Práticas de Ensino	11
2.2	A Importância da Tecnologia para a Educação	13
3	METODOLOGIA	16
4	DISCUSSÕES NA ESCOLA	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	21
	APÊNDICE	22

1. INTRODUÇÃO

A qualidade dos cursos de graduação e pós-graduação sempre foram temas de discussões quando o assunto é formação docente. Há muito se questiona até que ponto uma má formação acadêmica reflete no processo de ensino-aprendizagem. O certo é que os educadores, profissionais docentes/cientistas educacionais, são sujeitos essenciais na construção de uma sociedade justa e igualitária.

A formação de professores se constitui numa questão central no contexto mais amplo da educação brasileira. A mesma tem passado por reformas educacionais e tem sido alvo de debates acadêmicos e das entidades científicas e profissionais, cobrando das autoridades um aprofundamento na reflexão acerca da natureza e objetivos dos cursos de formação desse profissional.

Apesar da importância da profissão para o desenvolvimento da sociedade e da economia, os cursos de formação docente têm historicamente demonstrado sua falta de aprimoramento reforçando a fraqueza desses tipos de curso. Por essa razão os professores são vistos como profissionais despreparados e sem capacidade de gerir seus saberes.

No Brasil o estabelecimento de um sistema de formação do professor secundário remonta à década de 1930 marcada por uma forte expansão da escolaridade em todos os níveis. Entretanto, a falta de uma instituição voltada especificamente à formação de professores, e as dificuldades encontradas no âmbito das próprias universidades para que as faculdades de filosofia realizassem a sua “missão”, levaram a faculdade de filosofia a se constituir em *locus* institucional privilegiado da formação de professores para a escola secundária, dentro e fora da universidade.

Nos anos 80 e 90, países como França, Portugal, Espanha, entre outros, realizaram grandes investimentos na área de formação e desenvolvimento visando esse fim. Pois, criam que as novas bases educacionais que fundamentam o pensamento do profissional docente contemporâneo se apoiam justamente na possibilidade de permiti-lo compreender a necessidade de o educador estar inserido em seu tempo, sendo capaz de entender a realidade socioeconômica e cultural que o cerca, a ponto de redimensionar seu conhecimento e as suas responsabilidades sociais e profissionais.

Indiscutivelmente, os professores contribuem com seus saberes, seus valores e suas competências na complexa tarefa de conduzir seus alunos às exigências dos novos tempos. Todavia, um detalhe emerge dessa reflexão: a importância de se compreender o processo de formação como algo inacabado, que apenas se inicia com a aquisição do diploma, mas que está longe de ser o ponto final de sua profissionalização.

2. O ENSINO DA GEOGRAFIA

A Educação envolve dois processos fundamentais: o *ensino* e a *aprendizagem*. A prática educativa inserida nesse processo vem acompanhada de inúmeras experiências e aprendizagens, as quais são adquiridas ao longo da vida. Desta forma, ela torna-se um processo necessário, indispensável e muito complexo para o indivíduo.

Através do processo educativo, o indivíduo começa a planejar e a construir seu futuro baseando-se nos princípios éticos, culturais, cognitivos, sociais e políticos. Cada pessoa é dotada de inteligência e da capacidade de transformar sua realidade, contudo, a educação é o meio mais oportuno para que ocorra esta mudança.

Existe, de modo geral, uma significativa divergência entre aprendizagem e processo educativo. Isto se deve ao fato de a escola, desde os primórdios de sua existência, ser vista como um mero transmissor de conhecimento, o local ideal para se promover a aprendizagem.

Esta visão equivocada sobre a função da escola gera uma série de problemas no processo educativo uma vez que o papel da escola vai além de repassar conhecimento. Desenvolver um trabalho em sala de aula requer que o professor tenha uma postura de mediador, de atuar propondo problemas para que o aluno, a partir do seu conhecimento prévio, possa, no grupo, criar situações-problema e desafios, transformando o seu conhecimento comum em conhecimento científico.

Se o educador não tem esta visão sobre o verdadeiro *ensinar* ele estará sujeito a desenvolver no aluno a desmotivação, porque é a troca de conhecimento com aluno que permite que ele aprenda. Todas essas questões estão relacionadas com a postura do professor diante do seu conhecimento e o do aluno e essa postura tem a ver com a apropriação que se faz da concepção de Educação e de Geografia.

O profissional de Geografia, assim como qualquer outro profissional de educação, necessita ter a sensibilidade de ser reflexivo, compreensivo, responsável e consciente de sua responsabilidade no processo de formação do caráter social e intelectual das pessoas que darão origem a sociedade do futuro.

Durante muito tempo, e atualmente, o professor foi o encarregado de transmitir o conhecimento, e o aluno, de recebê-lo. Mas a tendência é que haja uma modificação da relação entre o professor e o conhecimento e entre este e a aprendizagem. É preciso procura

entender o processo de construção do conhecimento a margem de uma concepção diferente sobre o papel do professor afim de que este possa ser visto pela sociedade de uma outra forma, como afirma Arroyo (2000):

A imagem que a sociedade faz do professor e que muitos ainda fazem de sua função, transmitir os saberes escolares, ensinar competências e habilidades, preparar para concursos e vestibulares, aplicar provas, dá notas, aprovar ou reprovar, credenciar, atestar para passar de ano, de série, de nível... tem pouco de profissional e de específico, qualquer um pode fazer desde que saiba esses saberes e seja treinado... mantendo essa imagem será difícil afirmar uma cultura profissional pública (ARROYO, 2000, p. 193).

Analisando especificamente à geografia, percebe-se que a formação dos professores deixa muito a desejar, e quanto aos professores mais antigos da rede escolar, a visão que eles têm está relacionada à geografia que eles estudaram há anos atrás, ou seja, uma geografia baseada apenas em mapas e em nada relacionada com a realidade do alunado, como afirma Castrogiovanni (2007):

Muitos ainda acreditam que a geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nome de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nesta primeira década do século XXI, a geografia, mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões [...]. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos.(CASTROGIOVANNI, 2007, p. 42).

Em contrapartida, os recém-formados sofrem por, muitas vezes, terem tido uma formação inicial, a graduação, insuficiente. A formação desses professores está estruturada em cursos de licenciatura curta com complementação em Geografia ou em História, como por exemplo, os vários cursos à distância oferecidos por instituições privadas.

Faz-se necessário, portanto, rever a grade curricular desses cursos, buscando melhorar a qualidade da formação e o aprofundamento em áreas específicas. Quando o educador não tem uma boa formação ele não desempenha bem sua função refletindo diretamente do processo de ensino-aprendizagem.

Pode-se afirmar que o atual currículo dos cursos de geografia, diante do processo de transformações do mundo moderno, exige um outro tipo de formação profissional que esteja em sintonia com a atual sociedade. O que se tem visto atualmente é uma formação docente que tem primado muito mais pelos princípios norteadores da atual reforma da economia brasileira do que uma formação docente que priorize o desenvolvimento e o domínio de conhecimentos, métodos, processos e uso de técnicas modernas que levem à formação plena do geógrafo-educador.

Em suma, as instituições devem priorizar à formação de um profissional que saiba compreender o seu mundo e que consiga exercer a sua profissão dignamente, utilizando-se de novas linguagens e atitudes educativas para que haja um perfeito desenvolvimento de análises geográficas criativas, críticas e inovadoras.

2.1 A Geografia e suas Práticas de Ensino

Estamos vivenciando uma grande mudança no mundo econômica, social e politicamente. Na educação não é diferente, especialmente no estudo da Geografia onde percebe-se uma rápida mudança no que diz respeito a territórios, limites e fronteiras. Por essa razão faz-se necessário ter uma visão mais precisa acerca dos objetos de estudo da geografia e melhorar a formação docente dos profissionais para que estes estejam melhor preparados em sala.

O educador, no entanto, precisa compreender que o verdadeiro papel do professor é preparar o aluno para a vida em sociedade e não para simplesmente lhes dar direito a um certificado no final do ano letivo. Para isto é necessário uma qualificação docente maior e o mesmo precisam estar sempre atualizados, com afirma Pontuschka (2007):

Nossa intenção é pensar a formação do professor de Geografia para uma escola e para uma sociedade em que se possa consolidar a democracia. Com essa perspectiva, o professor precisa preparar-se para participar dos projetos na escola que visem a reflexões participativas, viáveis para o momento vivido, e sejam adequados às condições e à complexidade da sociedade atual neste início de século XXI (PONTUSCHKA, 2007, p. 27).

Cada novo desafio incentiva o educador a buscar novos conhecimentos e a desenvolver métodos teórico-prático afim de analisar e entender fatos ocorridos no passado e como estes podem influenciar o futuro. O profissional do futuro tem este perfil: um educador

que leva os alunos a compreender o passado para entender a realidade vivida e mostra como estes podem construir seu próprio futuro através da preservação ambiental. Para que este processo de ensino-aprendizagem ocorra existe uma série de etapas que precisam ser seguidas, como afirma Santos (1994):

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a conhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro (SANTOS, 1994, p.121)

O educador de Geografia, especificamente, precisa entender a realidade, analisando o espaço levando em consideração a ação do homem sobre o mesmo e os resultados dessa ação sobre o espaço. Dessa forma, estes serão capazes de entender que os problemas referentes a território vão além dos problemas do espaço, conforme Quaini (1983):

Não se pode fugir dos problemas sociais reduzindo as contradições à relação território/natureza, percebendo os desequilíbrios ecológicos e os compromissos ambientais para não perceber os desequilíbrios sociais (QUAINI, 1983, p.54).

A postura profissional do educador de Geografia, assim como os demais educadores, necessita ter uma formação específica e posteriormente de formação continuada para que o mesmo possa ter um conhecimento amplo na sua área de atuação e possa compreender a sua real função social.

Analisar a questão da dimensão pedagógica na formação do geógrafo requer que pensemos em dois aspectos fundamentais: o perfil do profissional e o curso de graduação que habilita o mesmo.

Para tal, é preciso definir o que se espera do professor de Geografia na sociedade atual para que este possa desenvolver o seu trabalho como técnico, como pesquisador e educador. O que a educação necessita não é a permanência do método tradicionalista arcaico nas escolas mas de uma geografia voltada a realidade contemporânea, como afirma Marques (1992):

Não se trata de formar um profissional fechado no casulo de um saber exclusivo e auto-suficiente, mas de formar, no profissional, o homem da competência comunicativa, que construa seu saber no diálogo

fecundo e provocador e no serviço à sociedade ampla e plural, no mundo da vida compartilhado entre iguais (MARQUES, 1992, p. 163).

Em suma, um ensino de qualidade é aquele que ensina o aluno a pensar, ou seja, aquele que oferece aos alunos visões diferentes da realidade e ferramentas intelectuais para que eles possam analisá-las criticamente e optarem de forma autônoma pela visão que acharem mais corretas.

É exatamente esse tipo de educação que nunca foi, de fato, ofertada no Brasil, cujo sistema nacional de ensino nasceu a partir de uma doutrina conservadora que hoje permanece refém de uma doutrinação de um discurso pluralista, que não se torna realidade nem no conteúdo dos livros didáticos, nem no espaço das salas de aula.

2.2 A Importância da Tecnologia para a Educação

Devido a crescente importância do fenômeno tecnológico na sociedade atual a educação passa a ter a ‘obrigação’ de constituir-se em meio às novas tecnologias de comunicação e de informatização. Portanto, faz-se necessário traçar alguns caminhos para a formação de professores nessa perspectiva inovadora, indispensável para a melhoria da qualidade da escola do presente e do futuro. Acreditamos que isso só será possível se cada vez mais educadores tiverem a oportunidade de preparar-se para o uso das mídias na educação, pois infelizmente ainda há educadores que resistem à modernização e aos avanços tecnológicos.

Desde o final do século XIX e início do século XX a fala foi a única ferramenta que o professor possuía. Era através dela que o mesmo passava suas aulas e o conhecimento que possuía. Posteriormente, surgiram o quadro negro e o giz, e o professor passou a questionar como ele poderia deixar de usar a fala e passar a trabalhar com o que não conhecia. É o que acontece atualmente. Os educadores estão tendo dificuldade em introduzir as novas tecnologias nos trabalhos educacionais.

Inicialmente houve uma preocupação sobre o espaço que a tecnologia teria nas escolas e como ficaria o educador nesse espaço. Após o período de adaptação o educador

passar a reconhecer que a tecnologia é essencial na educação, mas que esta não tomará seu lugar. Ele passa a compreender que seu papel de mediador (orientador) é indispensável para que o aluno possa usufruir da tecnologia, como afirma Moran (2000):

Pela interação entramos em contato com tudo o que nos rodeia; captamos as mensagens, revelamo-nos e ampliamos a percepção externa. Mas a compreensão só se completa com a interiorização, com o processo de síntese pessoal, de reelaboração de tudo o que captamos por meio da interação (MORAN, 2000, p. 25):.

Ainda sobre a função do professor na inserção da tecnologia em sala de aula, Labarca (1995) afirma:

Os docentes deixam de ser os principais depositários do conhecimento e passam a ser consultores metodológicos e animadores de grupos de trabalho. Esta estratégia obriga a reformular os objetivos da educação. O desenvolvimento de competências-chave (...) substitui a sólida formação disciplinar até então visada. O uso de novas tecnologias educativas leva ao apagamento dos limites entre as disciplinas, redefinindo, ao mesmo tempo, a função, a formação e o aperfeiçoamento dos docentes (LABARCA, 1995, p.175-176).

Não podemos dizer que os equipamentos eletrônicos são suficientes para melhorar a qualidade da educação. Um exemplo disso são as escolas que possuem inúmeros recursos tecnológicos, mas estes não são utilizados para melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem. Na maioria das vezes eles ficam guardados em salas que os alunos não têm acesso.

Na escola estadual 'Monsenhor Odilon Alves Pedrosa', uma das escolas que participou do referido trabalho de pesquisa, por exemplo, existem quinze computadores no laboratório de informática e nem aluno os utilizam devido a desativação do mesmo, ou seja, ela está sempre fechada. Os alunos, em outro momento, fizeram um tímido protesto na escola para mudar a situação mas obtiveram êxito. Essa atitude é contrária a que sustenta Leite Et Al (2000) quando diz que:

Diante desta realidade, torna-se necessário que as escolas passem a trabalhar visando a formação de cidadãos capazes de lidar, de modo crítico e criativo, com a tecnologia no seu dia-a-dia. Cabendo à escola esta função, ela deve utilizar como meio facilitador do processo de ensino-aprendizagem a própria tecnologia com base nos princípios da Tecnologia Educacional (LEITE Et Al,2000, p. 40).

Diante desta situação anteriormente citada - retrato da educação do Brasil – podemos afirmar que o uso dos recursos tecnológicos em sala de aula não depende só do professor, mas de uma série de mudanças que vão desde a revisão do currículo escolar até a formação e qualificação docente. Se a escola mantém o ensino em que o aluno é apenas um receptor de conhecimentos, o uso desses recursos não fará diferença no aprendizado. Só o professor se qualificar não basta. É preciso uma reforma na educação atual, conforme Barreto & Leher (2003):

Um admirável mundo novo emerge com a globalização e com a revolução tecnológica que a impulsiona rumo ao futuro virtuoso”. (...) A partir dessa premissa, organismos internacionais e governos fazem ecoar uma mesma proposição: é preciso reformar de alto a baixo a educação, tornando-a mais flexível e capaz de aumentar a competitividade das nações, únicos meios de obter o passaporte para o seleto grupo de países capazes de uma integração competitiva no mundo globalizado (BARRETO & Leher, 2003, p. 39).

A globalização tem criado grandes expectativas para o futuro da humanidade e a educação se inclui nesse processo como peça fundamental para o desenvolvimento. Contudo, o papel do professor tem se modificado na medida em que os alunos têm acesso a uma série de informações, mesmo que incompletas ou distorcidas, que devem ser organizadas e discutidas através de sua mediação.

A sociedade atual põe o professor frente à frente com a realidade virtual como uma ferramenta essencial de informação e formação. Precisa-se de profissionais entendidos em desenvolvimento humano que saibam os diversos processos formadores e deformadores presentes na vida em sociedade e no mercado de trabalho, que saibam seu valor enquanto profissionais conscientes do seu ofício e da importância da educação para a humanização do ser.

Por fim, é inegável que a educação brasileira precisa de mudanças e que ela tem um grande desafio a vencer: o de constituir-se em espaço de mediação entre o aluno e esse ambiente cercado de máquinas que lidam com a mente e o imaginário. Cabe à escola não só garantir a democratização do acesso aos meios técnicos de comunicação mais modernos, mas ir além e estimular as novas gerações para a apropriação ativa e crítica dessas novas tecnologias. Elas por si só, não farão a transformação do mundo e da sociedade, mas servirão de ponte para o tão sonhado progresso da educação.

3. METODOLOGIA

Inicialmente, fizemos uma pesquisa bibliográfica sobre autores que discutiam a temática, como: ARROYO (2000), BARRETO (2003), CASTROGIOVANNI (2007), LABARCA (1995), LEITE (2000), MARQUES (1992), MORAN (2000), PONTUSCHKA (2009), SANTOS(1994), entre outros, os quais serviram de base para a fundamentação teórica de nosso estudo. Depois, realizamos uma pesquisa de campo, através de observações e entrevistas – metodologia aplicada – com professores e alunos, em escolas públicas da cidade de Sapé/PB, no intuito de analisar com mais concretude o que estava se passando no dia-a-dia destas escolas.

O estudo nos quais fazemos uma abordagem sobre a educação e a profissionalização em Geografia, discutindo como ser, hoje, um profissional competente nesta área, seus desafios e competências; também ressaltamos o conceito de formação docente, caracterizando a inicial e a continuada, tendo em vista o professor de Geografia. Por fim, o capítulo da análise, buscou identificar o perfil do professor de Geografia no município de Sapé/PB e refletir sobre a qualidade do ensino e a qualificação profissional desses educadores. Para encerrar o trabalho ora apresentado, emitimos nossas considerações finais em torno da temática.

4. DISCUSSÕES NA ESCOLA

Toda pesquisa aqui apresentada deu-se em Sapé, uma cidade do interior da Paraíba, localizada a 40 km da capital João Pessoa. Sapé ainda é conhecida como a terra do abacaxi, mesmo que esse tipo de agricultura não seja mais o que move sua economia.

Na área de educação, no entanto, Sapé é carente. Esquecida pelo poder público estadual, Sapé, hoje em pleno século XXI, não possui um único campus universitário. Esse é, talvez, um dos principais motivos que leva a cidade a possuir uma educação falha.

A cidade possui três escolas estaduais: onde duas delas têm capacidade para quase 3.000 (três mil) alunos, contando com o funcionamento dos três turnos. Há quem acredite que este excesso de aluno numa escola pode refletir na qualidade do ensino. Um dos professores entrevistados chegou a afirmar que não desempenhava um bom trabalho na escola onde lecionava porque o excesso de aluno por turma dificultava o controle dele e o acesso às necessidades de cada aluno.

Ao interpretar o resultado da pesquisa, levou-se em consideração as perguntas do questionário referentes à formação do professor de Geografia no Ensino Fundamental, ao material didático que utiliza, às questões relacionadas ao planejamento, ao método utilizado em sala, as pretensões de cursos e às necessidades e desejos como professores de Geografia.

Verificou-se através da análise do questionário que os professores têm conhecimento à respeito de como deve ser a sua formação, ou seja, que além da formação acadêmica específica em Geografia, o professor, seja ele de escola pública ou não, necessita de uma formação continuada.

Na pergunta sobre a formação profissional, dos 10 professores entrevistados verificou-se que 50% são licenciados em Geografia, 30% são graduados em áreas diferentes (história, matemática, português) e 20% não possuíam graduação alguma. De todos os entrevistados apenas 20% possuía pós-graduação (apenas especialização em todos os casos).

Quando perguntados sobre suas qualificações como graduados os professores foram taxativos: 80% disseram que a graduação os deixou preparados para atuarem como professores de geografia, enquanto 20% disseram que precisariam se qualificar mais, porém a falta de tempo (devido ao excesso de trabalho) não permitia tal coisa. Constatou-se que 80% dos professores entrevistados não fazem nenhum tipo de curso de formação continuada.

Quando questionados a respeito dos recursos didáticos utilizados em sala 90% disseram que não usam nenhum recurso didático e 10% disseram que usam apenas DVD como recurso além do livro didático. Essa resposta, no entanto, foi contestada pelos 40 alunos entrevistados. Eles são unânimes em afirmar que não há recursos didáticos nas aulas de Geografia e que estas deveriam ser mais dinâmicas.

Apesar de 95% dos professores afirmarem que gostam de atuar na área de ensino, há uma grande insatisfação dos alunos com relação ao ensino da Geografia nas escolas estaduais de Sapé/PB. Os motivos são diversos mas vale analisá-los de forma crítica e realista, pois é através desses depoimentos que será possível promover a mudança.

Verificou-se na pesquisa com os alunos que dos 40 entrevistados 20% acham as aulas boas, 7,5% acham que suas aulas de Geografia são excelentes, 30% disseram que as aulas são mais ou menos e 42,5% acham que elas deveriam melhorar.

Na opinião de 75% dos alunos que participaram da pesquisa, a baixa qualidade das aulas de Geografia deve-se a falta de professores capacitados e 25% acham que esta deve-se a falta de inovação nos métodos de ensino.

Analisando todos os dados da pesquisa, observou-se que há um confronto de concepções conflituosas entre aluno e professor sobre os reais motivos da má qualidade do ensino da Geografia em Sapé/PB.

Na visão dos alunos, o professor, de certa forma, é o culpado pelas dificuldades encontradas na aprendizagem da disciplina. Por outro lado, para 70% dos professores, o maior desafio de um professor é a falta de interesse dos alunos e, para 30% deles, a falta de um material de qualidade é o responsável pelas dificuldades encontradas no ensino da Geografia propriamente dita.

Os professores, em sua maioria, atribuem aos alunos o fato das aulas de Geografia não serem interessantes aos olhos da maioria dos alunos. Isso não seria motivo para desistir dos alunos, é o que afirma Arroyo (2000):

Esse sentimento bastante generalizado no magistério, de que os alunos não querem nada, é socialmente preocupante porque se é verdade que as novas gerações brasileiras não querem aprender é porque chegaram a um grau de desumanização tal que a curiosidade, a vontade de aprender a ser, de experimentar a vida, de saborear a existência humana, de ser humano, está sendo quebrada já na infância (ARROYO, 2000, p. 96).

É certo que o professor da escola pública enfrenta também dificuldades como a falta de condições materiais mínimas para ministrar aulas, a falta de tempo para se aprimorar, a desvalorização da profissão, o isolamento das outras áreas, a própria estrutura física da instituição e etc. Contudo, o que se pode concluir diante do trabalho de pesquisa aqui desenvolvido é que muito se fala em ‘mudar’ a educação no Brasil , mas na realidade a verdadeira mudança está muito distante das escolas brasileiras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educador de Geografia precisa trazer novas metodologias de ensino para a sala de aula, deixando de trabalhar somente com o livro didático e com assuntos que não tem relação alguma com a realidade dos alunos. Isso provoca desinteresse pelas aulas de Geografia, tida por muitos alunos como uma disciplina “decoreba” que precisa apenas memorizar e colocar na prova. Dessa forma, a Geografia perde a sua importância como disciplina que serve para ensinar o aluno a ler e pensar o mundo que esta a sua volta.

Nessa perspectiva, é necessário aproximar o aluno da sua própria realidade, fazer relações para que eles possam, a partir daí, interpretar diferentes realidades. Com essa abordagem, o aluno irá, posteriormente, compreender os fenômenos que ocorrem em uma escala mais ampla. É preciso mostrar que há muito mais que conteúdos a serem transmitidos, mas sim concepções de “mundo” a serem criadas e reformuladas no ambiente escolar.

Compete aos professores vencer o pensamento ultrapassado de Geografia estática que foi por muito tempo repassado nas escolas, como forma de manutenção da sociedade hierarquizada. Assim, é preciso estimular a curiosidade do aluno para que ele possa trazer suas contribuições para a sala de aula, gerando um espaço onde haja trocas de saberes, diálogo e contato com realidades diferentes. Essas possibilidades não podem ser desperdiçadas, pois a escola deve possibilitar situações para que o educando desenvolva a sua autonomia, adquirindo o senso crítico para se posicionar diante dos desafios.

A realidade da sala de aula é diversificada, no entanto, isso não é aproveitado no aprendizado. Essa falta de interação nas aulas e as dificuldades que os alunos apresentam estão ligadas a falta da interdisciplinaridade na escola, refletindo num ensino cada vez mais fraco. Assim, somente através de uma educação crítica, que questione a própria realidade, será possível vencer com as dificuldades existentes no ensino de Geografia.

Referências

- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BARRETO, R.G.; LEHER, R. Trabalho docente e as reformas neoliberais. In: OLIVEIRA, D.A. (Org.). **Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.p. 39-60.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- LABARCA, G. **Cuánto se puede gastar en educación?** Revista de la Cepal, n. 56, ago. 1995. p. 163-178
- LEITE, L et al. **Tecnologia educacional: mitos e possibilidades na sociedade tecnológica**, *Tecnologia Educacional*, v. 29, n. 148, p. 38-43, Rio de Janeiro, jan./mar., 2000.
- MARQUES, Mário Osório. **A Formação do Profissional da Educação**. Ijuí: UNI JUÍ, 1992. 221 p.
- MORAN, José. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas, In: MORAN, J., MASETTO, M. e BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Para ensinar e aprender Geografia** / Nídia nacib Pontuschka, Tomoko Iyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete.- 3ª ed.- São Paulo: Cortez, 2009.- (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).
- QUAINI, Massimo. **A construção da Geografia Humana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- SANTOS, M. **Técnica espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo, Hucitec, 1994.

APÊNDICE



**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA**

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

DADOS PROFISSIONAIS E ACADÊMICOS:

Nome: _____ Sexo: _____
Idade: _____ Série(s) que leciona: _____ Tempo que leciona: _____

Cursos e Graduações:

Nível Superior: () Tem Licenciatura na área. () Não tem Licenciatura na área . Em caso negativo, qual? _____

Pós-graduação: () Especialização. () Mestrado. () Doutorado.

QUESTÕES

01. Você gosta de trabalhar com Educação? () Sim () Não

Por quê? _____

02. Você é professor de Língua Inglesa há quanto tempo?

() Menos de dois anos () Mais de dois anos () Cinco anos ou mais.

03. Como você entende o ensino da geografia, hoje?

() Uma necessidade, embora ainda muito falho.

() Um ensino de grande importância, pois é permiti formar cidadãos críticos.

() Outra resposta: _____

04. O seu curso de licenciatura e/ou graduação lhe preparou para trabalhar com o ensino da geografia?

() Sim. () Não..

05. Você tem ou já fez algum tipo de curso de formação continuada dentro de sua área?

() Sim. () Não.

06. Você utiliza recursos didáticos diferentes em sala de aula?

() Sim. () Não.

Quais? _____

Como você os utiliza? _____

07. Você considera seus conhecimentos apropriados para lidar com o ensino da geografia?

() Sim. () Não.

Por quê? _____

08. Para você, qual é o grande desafio de um professor de geografia, hoje?

09. O que você acha que deveria ser feito para melhor preparar os professores de geografia e, conseqüentemente, suas aulas?

OBS: Apenas as respostas deste questionário serão utilizadas na pesquisa, dados pessoais do entrevistado não serão divulgados.



**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA**

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

DADOS PESSOAIS E ACADÊMICOS:

Nome: _____ Sexo: _____ Idade: _____
 _____ Série em que estuda: _____ Escola em que estuda: _____

QUESTÕES

01. Você gosta de estudar? E de sua escola?

() Sim. () Não.

Por quê? _____

02. Qual a sua opinião sobre as aulas de geografia ?

() Excelentes.

() Boas.

() Mais ou menos.

() Poderiam ser melhores.

03. Como você entende da disciplina de geografia , hoje?

() Uma necessidade, embora ainda muito falho.

() Um ensino de grande importância porque me faz ver o mundo com um olhar crítico.

() Outra resposta: _____

04. Qual a sua opinião sobre seu atual professor de geografia?

() Excelente.

() Bom.

() Regular.

05. Como você acha que deveriam ser as aulas de geografia na sua escola?

() Do mesmo jeito que são.

() Melhores, mais dinâmicas.

() Outra resposta: _____

06. Qual a sua opinião sobre os recursos didáticos nas aulas de geografia?

07. O que você acha que está faltando nas aulas de geografia , hoje em dia?

OBS: Apenas as respostas deste questionário serão utilizadas na pesquisa, dados pessoais do entrevistado não serão divulgados.